

## TRAÇOS DO PRESENTE EM *ELES ERAM MUITOS CAVALOS*, DE LUIZ RUFFATO

Francisco Elieudo Buriti de Sousa (UNIR)  
Milena Magalhães (UNIR)

**Resumo:** A partir da leitura do livro *Eles eram muitos cavalos* (2010), do escritor brasileiro Luiz Ruffato, este trabalho tem por finalidade discutir acerca do modo como a literatura contemporânea se relaciona com as questões do presente. Ao descortinar a cidade de São Paulo, Luiz Ruffato convida o leitor a uma experiência de leitura com a realidade social de uma cidade composta pela diversidade, inserida em um espaço que se revela em *flashes*, de indivíduos que não se completam, porém carregados de verossimilhança, de uma linguagem que, entre o dito e o não dito, capta a presença do real. Com esta comunicação objetiva-se, ainda, fomentar as reflexões sobre a abordagem do realismo contemporâneo pela crítica vigente.

**Palavras-chave:** Literatura Contemporânea, Luiz Ruffato, Realismo.

### 1. Introdução

*Só a palavra nos põe em contato com as coisas mudas.*  
Giorgio Agamben

O modo pelo qual narramos tem a ver com o modo como ocupamos espaços no mundo, como compreendemos o tempo, como nos relacionamos com as questões do presente, passado e futuro. Por que narramos somos capazes de lembrar, interpretar e sentir as possibilidades de existência. Entretanto, a memória é incompatível com a vida. É o próprio tempo, imensurável, que nos coloca diante da impossibilidade de resgatá-lo de modo pleno. O fluxo do pensamento nos escapa e a apreensão das coisas não se dará de outra forma que não seja fragmentada, pulverizada. Em suas *Confissões*, Santo Agostinho declara a dificuldade em falar acerca do tempo, sobretudo, pelo aspecto movediço do conceito.

Tratar da literatura contemporânea é, de certo modo, uma experiência literária problemática, pela falta de consenso e de uma unidade de pensamento em torno daquilo que se compreende como contemporâneo. Giorgio Agamben (2010) evoca as *considerações intempestivas* de Friedrich Nietzsche e indica que a contemporaneidade se dá pela singular relação com o próprio tempo, a partir de uma relação de proximidade e distanciamento. Dentre as possibilidades de pensar o termo contemporâneo, Agamben (2010) nos sugere que ser contemporâneo é perceber a relação do tempo presente e passado, sendo que é no tempo presente que o ponto pulsa com mais força. Com isso, o filósofo sinaliza para um entendimento que vai além de uma compreensão do termo como algo demarcado historicamente ou um simples dado temporal, trata-se de um pensar que objetiva compreender o modo pelo qual o homem se relaciona com o seu tempo. Nesse aspecto, depreende-se que contemporâneo é um estado, uma condição. Ao expor acerca da relação entre o poeta e o seu tempo Agamben (2010) declara que "o poeta, enquanto contemporâneo, é essa fratura, é aquilo que impede o tempo de compor-se e, ao mesmo tempo, o sangue que deve suturar a quebra" (2010, p.61). Se Agamben (2010) não responde prontamente à pergunta *o que é ser contemporâneo*, por outro lado, nos coloca diante de uma questão fundamental relativa ao Ser. À luz desse olhar, o poeta seria esse indivíduo que vive em uma sociedade cindida e permeada de hiatos, ao passo que é fratura é, paradoxalmente, capaz de ajustar-se e alinhar as fendas do próprio tempo. O ser contemporâneo de que fala Agamben é "aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele

perceber não as luzes, mas o escuro" (AGAMBEN, 2010, p. 62), é manter “fixo o olhar no escuro da época, mas também perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente” (AGAMBEN, 2010, p. 65). Olhar para o presente é uma atividade que sugere ousadia, pelo caráter movediço e pela impossibilidade de apreendê-lo. É, portanto, nessa perspectiva, entre luzes e sombras, que nos propomos observar os traços do presente no romance *Eles eram muitos cavalos*, do escritor mineiro Luiz Ruffato.

### 1. Apontamentos Teóricos

O Realismo enquanto movimento artístico e literário caracterizou-se nas últimas décadas do século XIX pela oposição ao Romantismo e pela necessidade de uma descrição da realidade. Entretanto, o que se compreende por “realidade” ou, ainda, por “representação da realidade”, são questões que, atualmente, chegam até nós a partir dos mais diversos olhares. A falta de precisão com que o termo “realismo” é colocado, muitas vezes, aponta para uma dificuldade de alcançar as suas possibilidades semânticas. Tânia Pellegrini atenta para o fato de que termo é evocado para “reproduzir” a realidade observada “com matizes e gradações que vão desde a suave e inofensiva delicadeza até a crueldade mais atroz” (PELLEGRINI, 2007, p. 138). A partir dessas constatações, das múltiplas faces que o termo apresenta, da sua capacidade de transmutar-se e do “retorno” do real à literatura contemporânea, é que parte da crítica tem se proposto a pensar acerca do realismo na literatura brasileira e o modo pelo qual se apresenta hoje.

No artigo intitulado *Realismo afetivo: invocar a realidade além da representação*, Karl Erik Scholhammer compreende o Realismo contemporâneo a partir da relação entre representação e não representação, constata que há uma nítida retomada de formas históricas aliada à capacidade de intervir na realidade receptiva, de agenciar experiências perceptivas, afetivas e performáticas que se tornam reais. Sobre o modo como ele se manifesta no século XXI afirma que

o tema do Realismo se vincula na entrada do século XXI intimamente com as questões das condições representativas na contemporaneidade e às respostas da literatura a um regime estético profundamente ligado à crise e ao questionamento do conceito de representação (SCHOLHAMMER, 2012a, p. 130)

Karl Erik Scholhammer observa que o Realismo ainda é um programa assumido pela produção contemporânea, quer seja no sentido histórico como questão de representação conforme elaborado pelos escritores do século XIX, quer seja a partir das mais distintas concepções de Realismo formuladas ao longo do século XX, onde “a ideia de representação cede lugar a uma ideia de intervenção performática por meio de efeitos poéticos despertados em diferentes experimentos de expressão dessa mesma realidade histórica” (SCHOLHAMMER, 2012b, p. 4).

Ao refletir sobre o Realismo na literatura contemporânea brasileira, Tânia Pellegrini identifica um realismo que opera esteticamente como “refração” da realidade e não como cópia, imitação ou interpretação. Segundo ela, trata-se de “uma postura geral (envolvendo ideologias, mentalidades, sentido histórico etc.) e um método específico (personagens, objetos, ações e situações sempre descritos de modo “real”)” (PELLEGRINI, 2012, p.12). De certo modo, as considerações de Tânia Pellegrini acerca do realismo contemporâneo aproximam-se dos apontamentos de Erik Scholhammer, sobretudo, ao perceber “uma forma particular de captar a relação entre os indivíduos e a sociedade” (PELLEGRINI, 2012, p. 13). A noção de realismo como “refração” – metaforicamente, decomposição de formas e cores – traduz, segundo Pellegrini, as condições específicas da sociedade brasileira contemporânea: caos urbano, desigualdade social e corrupção política, tudo isso aliado à sofisticação tecnológica das comunicações e da indústria cultural.

A noção de realismo contemporâneo adotada por Erik Scholhammer e Tânia Pellegrini parte da noção de uma convenção literária de múltiplas faces operando a partir de um contínuo exercício estético que se opõe ao realismo clássico do século XIX. A prosa de Luiz Ruffato, assim como a de

***Internacionalização do Regional***

outros escritores contemporâneos, aponta para novos procedimentos estéticos no modo de narrar. Os traços do realismo contemporâneo presentes em *Eles eram muitos cavalos* serão observados a partir das compreensões trazidas por Erik Scholhammer e Tânia Pellegrini.

**2. Traços do presente**

O romance *Eles eram muitos cavalos* (2010), do escritor mineiro Luiz Ruffato, é composto de setenta microtextos. Por meio da ficção o autor examina a realidade, traz ao centro do romance indivíduos cujas identidades ninguém conhece, explicita a partir de uma fotografia da cidade de São Paulo as várias linhagens que a urbanidade apresenta. Textos distintos entrecruzam-se com vidas distintas, em comum, os dramas e as pequenas tragédias que povoam a metrópole. Ruffato descortina a cidade para além dos arranha-céus e ruas entupidas de pessoas, os sentidos são redirecionados à vida cotidiana, às tensões e inquietudes de quem vive na maior cidade brasileira. Para apreender a realidade da cidade e daqueles que a compõem, Ruffato utiliza-se das mais diversas ferramentas de expressão da linguagem, dispara *flashes* ao circular pelo espaço urbano, captura a cidade e suas múltiplas faces.

Em *A morte do Autor*, texto originalmente publicado em 1967, Roland Barthes compreende o texto como espaço de múltiplas dimensões, “tecido de citações”, impossibilitado de produzir um único sentido. A noção de texto enquanto pluralidade de sentidos é reforçada em *Da obra ao texto*, publicado originalmente em 1971. Essa compreensão de texto torna-se válida ainda hoje se pensarmos que as práticas de criação, circulação e recepção literária passaram nas últimas décadas por significativas mudanças, provocada, sobretudo, pela revolução digital, onde a era dos aplicativos e *tablets* possibilitam novos entendimentos acerca da leitura e escrita. Em *Eles eram muitos cavalos* Ruffato compreende a experiência da escrita como campo de múltiplas possibilidades. A aplicação ao texto de “novas” formas de composição literária – o uso das formas breves e híbridas, transição de gêneros, discurso fragmentado, não linear, presença de colagens e montagens, elipses e elisões – tudo isso potencializado ao extremo, não reduz e nem simplifica os dramas dos indivíduos revelados no romance, porém, apontam para um desejo de intervir na realidade e capturar o presente. Os dramas humanos trazidos à superfície textual evoca para o desejo de desalienar e desenrijecer o sujeito em meio a uma sociedade economicamente globalizada, permeada pelo caos e pela violência urbana. No texto 34, intitulado “Aquela mulher” Ruffato, via recursos poéticos, retira das ruas do Morumbi, reduto da classe alta paulistana, e apresenta ao leitor uma figura que é comum a todos que habitam os grandes centros, uma figura sem nome e que passa despercebida, que se arrasta por ruas e avenidas, e se observada de perto causa espanto e horror.

(...) aquela mulher que se arrasta espantilha por ruavenidas do morumbi fala desconforme baba escumando no entroncamento dos lábios murchos olhar esgotado mãos que pendulam arrítmicas pernas desaprumadas aquela mulher que se arrasta espantilha por ruavenidas do morumbi inconveniente suplicando respostas exigindo febril irritada chorosa perguntas variantes insensas aquela mulher que se arrasta espantilha por ruavenidas do morumbi ignorando ao relento se ratos ou baratas ignorando se chuva ou sol escorrem pela guia ignorando sapatos tênis havaianas polícia ignorando aquela mulher que se arrasta espantilha por ruavenidas do morumbi  
morumbi  
não era assim  
não  
não era (...) (Ruffato, 2010, p. 69-70)

“Aquela mulher” é um recorte da realidade, a fotografia de uma face possível de São Paulo. A angústia da personagem que se arrasta por “ruavenidas” é transferida ao leitor pela força dramática narrada e pela desestabilização provocada pela linguagem. Ao arrastar-se, arrasta-se uma angústia

***Internacionalização do Regional***

que não tem fim. Luiz Ruffato reformula o compromisso com o mundo real através de uma linguagem fragmentada, sem pontuação e com rupturas sintáticas. Cola vozes dissonantes para narrar a dor que se sente, une prosa e poesia para trazer à literatura uma percepção especial de concepção realista, através de uma preocupação estética e incorporação da linguagem que se adequa à realidade narrada. Isso se constata em praticamente todos os microtextos de *Eles eram muitos cavalos*, onde Ruffato estiliza a concepção do romance tradicional e narra a partir de fragmentos a vida de ambulantes, garotos de programa, pastores, pedintes, assaltantes, políticos, crianças, jovens e idosos.

Os fragmentos textuais de *Eles eram muitos cavalos* (recortes de jornais, anúncio publicitário, oração, bilhete, carta, diploma, receita de culinária) são compreendidos, aqui, como fragmentos da vida cotidiana, vai além do reconhecimento do uso ao extremo dos gêneros literários por porte do autor, funcionam como espaço de onde emergem as vozes que ocupam a cidade. O uso dos recursos tipográficos utilizados praticamente em todos os microtextos do romance – negritos, itálicos, recuos, textos justificados, centralizados, não justificados, frases sublinhadas, uso de fontes diversas – contribuem para atribuir verossimilhança e materialidade ao romance. O tempo capturado pelo autor é o tempo presente. A vida fragmentada, de sujeitos fragmentados, convive, também, com fragmentos textuais: pedaços de jornais, orações e receitas. São pelos fragmentos – do texto e da vida – que se dá a apreensão do real.

Tânia Pellegrini, no artigo intitulado *De bois e outros bichos: nuances do novo Realismo brasileiro*, observa que as contradições sociais que explodem em violência, retratadas pelo cinema e pela literatura nas mais variadas formas realistas, são consequências das “promessas de felicidade geral” trazidas pela inserção do país no circuito do capitalismo avançado; trata-se, ainda, “de relações tensionadas entre o social e o pessoal permeadas pela lógica mercantil, numa espécie de estratagemma estético a encobrir o real que deveria, mas não pode ser mudado” (PELLEGRINI, 2012, p. 53-54). Desse modo, o que Tânia Pellegrini sugere é a compreensão do Realismo enquanto método “cuja análise e interpretação cuidadosas podem induzir à discussão do sentido, da função e do valor de boa parte da produção ficcional do Brasil contemporâneo” (PELLEGRINI, 2012, p. 54).

O último texto de *Eles eram muitos cavalos* envolve o leitor numa espécie de espiral que provoca, inquieta. Indivíduos inertes à violência que bate à porta, apresentados pelo autor através de uma linguagem que reflete o caos. Ao revelar a impossibilidade de ação dos personagens frente à violência urbana, Ruffato chama à necessidade de um posicionar-se no mundo. Não há como permanecer inerte a uma realidade que grita e anseia por socorro. O que a lente de Ruffato capta é o retrato do agora, a violência indiscriminada do mundo hoje, que já explodiu ou está em vias de explodir.

(...)

(Pausa)

- Parou...

- O quê?

- A gemeção...

(Pausa)

- É... Parou mesmo... Vamos lá agora?

- Não!

- Por quê?

- Porque... porque ainda pode ter alguém lá... E aí? Melhor dormir... Vai... vira

pro canto... vira pro canto e dorme... Amanhã... amanhã a gente vê... Amanhã a gente fica sabendo...

Dorme... vai... } (RUFFATO, 2010, p. 147-148)

O modo de apresentação literária em *Eles eram muitos cavalos* é organizado como experiência estética que se adequa ao contexto histórico e cultural do presente. Ao trazer para o centro do romance distintos grupos sociais – o preto, o branco, o índio, o pobre, o rico, o evangélico, o mendigo, o bêbado, o ambulante – Ruffato assume a discurso de expressão coletiva. Indivíduos comuns, nunca lembrados, adentram o romance e tornam-se vivos pela memória do autor.

### 3. Conclusão

É entre o narrar e o não narrar que os fragmentos textuais de *Eles eram muitos cavalos* ganham sentido. A aparência da história plena é contestada logo numa primeira leitura, entretanto, o que faz Ruffato (2010) é reescrever a tradição literária brasileira da crítica social, com apuro de linguagem e preocupação estética. Narra pedaços de histórias que se cruzam e se completam, fragmentos de mundos alinhavados a formar uma densa colcha – a fotografia da cidade e seus sujeitos. O Realismo apresentado pelo autor funciona enquanto possibilidade de representação estética, mas, também, como possibilidade de intervenção ética, política e social. Ao refletir acerca do Realismo Roland Barthes reforça que

No fundo do realismo que nossa literatura conheceu, há um paradoxo notável: as relações entre o escritor e a realidade sempre foram, de fato, relações éticas, e não relações técnicas: falando-se historicamente, o realismo é uma ideia moral. (BARTHES, 2004b, p. 29)

Para além de uma compreensão do Realismo como engajamento estético, subjaz ao texto de *Eles eram muitos cavalos* a questão ética. A experiência de linguagem utilizada aproxima o leitor das vidas narradas, espaços são abertos para que se reconheçam as vozes presentes no romance e se compreenda o universo narrado mesmo que de modo fragmentado. É entre cortes e recortes que se revela, aos olhos de hoje, a cidade e os indivíduos que contribuem para a sua significação. *Eles eram muitos cavalos* se constitui da realidade que é fotografada não apenas como procedimento estético, mas, também, como produto dessa mesma realidade.

### Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Ideia da prosa*. Tradução de João Barreto. Lisboa: Cotovia, 1999.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. 2ª Reimpressão: Chapecó: Argos, 2010.
- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. In: *Confissões*; De magistro. Tradução de José Oliveira Santos, Ambrósio de Pina e Ângelo Ricci. São Paulo: Abril Cultura, 1980.
- BARTHES, Roland. *A morte do autor*. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.
- \_\_\_\_\_. BARTHES. *Novos problemas do realismo*. In: *Inéditos I – Teoria*. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.
- PELLEGRINI, Tânia. *Realismo: postura e método*. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 137-155, 2007.
- \_\_\_\_\_. *De dois bois e outros bichos: nuances do novo realismo brasileiro*. *Revista Brasileira de Literatura Contemporânea*. n. 39, p. 37-55, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Realismo: modos de usar*. *Estudo de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 39, p. 11-47, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Realismo: a persistência de um mundo hostil*. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. n. 14, p. 11-36, 2009.
- RUFFATO, Luiz. *Eles eram muitos cavalos*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2010.
- SHOLLAHAMMER, K. E. *Realismo afetivo: evocar realismo além da representação*. *Estudo de*

Literatura Brasileira Contemporânea, n. 39, p. 129-148, 2012a.  
\_\_\_\_\_. Pacto renovado com a história. O realismo contemporâneo brasileiro. Revista Ciência Hoje. n. 9, Jun, 2012b.

---

**Autores**

**Elieudo BURITI, Mestrando em Estudos Literários.**  
Universidade Federal de Rondônia – UNIR.  
[elieudoburiti@hotmail.com](mailto:elieudoburiti@hotmail.com)

**Milena MAGALHÃES, Professora Doutora.**  
Universidade Federal de Rondônia – UNIR.  
[milena\\_guidio@yahoo.com.br](mailto:milena_guidio@yahoo.com.br)